

JORNAL DO ÔNIBUS

ANO 30 | EDIÇÃO 284 | DEZEMBRO 2020 | UNAERP

JORNAL LABORATÓRIO | jornalismo.unaerp.com.br



ENVELHECIDA, RIBEIRÃO PRECISARÁ DOS JOVENS PARA RETOMADA DA ECONOMIA | P.8



EDUCAÇÃO ONLINE FAZ PAIS SE APROXIMAREM DE FILHOS

P.10



SOLTEIROS APELAM A APPS POR CARÊNCIA NA QUARENTENA

P.11



FREELANCES VIRAM OPÇÃO CONTRA CRISE DO EMPREGO

P.9



SEMPRE VÃO ME CHAMAR DE A BAILARINA PRETA

Amanda Lima chegou até a pintar as sapatilhas na cor de sua pele porque só conseguia encontrar para comprar calçados em tons de rosa. P.13

A MÃE DO JORNAL DO ÔNIBUS

Em entrevista ao JO, professora Elivanete Barbi conta todos os detalhes do início da publicação, que é produzida anualmente pelos alunos de Jornalismo da Unaerp. P.13

ADOLESCÊNCIA NÃO EXISTE PARA JOGADORES

Em busca de sonho de se tornarem profissionais do esporte mais popular do planeta, candidatos a atleta abrem mão da vida normal de jovens. P.16



JORNALISMO UNAERP

MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

São 49 anos de história, formando profissionais que atuam nas principais emissoras de televisão, rádio, revistas, jornais, assessorias, sites de internet e mídias digitais do país.

CONCEITO
4

NO IGC MEC
PRINCIPAL AVALIAÇÃO
DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

PRIMEIRO LUGAR
ENTRE OS CURSOS
DE JORNALISMO
DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

★★★
3 ESTRELAS
GUIA DA FACULDADE
QUERO | ESTADÃO

10º MELHOR CURSO ✓
ENTRE INSTITUIÇÕES PRIVADAS
DO ESTADO NO RANKING DA FOLHA DE SÃO PAULO

EXPEDIENTE

Fundado em 1987, o Jornal do Ônibus é produzido pelos estudantes da quinta e sexta etapas do curso de Jornalismo da Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto) e distribuído gratuitamente aos usuários do transporte coletivo urbano nos principais pontos de ônibus da cidade.

Reitoria da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão - Graduação Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO Prof. Geraldo José Santiago

REPÓRTERES/FOTÓGRAFOS
Ana Feoli, Fernando Lopes, Da-

niel Balaniuc, Igor Abreu, Luís Augusto Pereira, Lauani Meira, Vitória Conrado, Marecelo Carvalho, Laís Garcia, Hugo Degaspari Reis, Geovanni Henrique, Victor Custódio, Helena Carolli, Lucas Madeira Dias, Guilherme Pinto, Gabriella Ariel, Marina Bonella, Tainá Lourenço, Eduarda Ameixoeiro, Thomaz Cavalcanti, Allef Araújo, José Bazzo, Victor Faustino

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Editor Chefe: Rafael Reis
Auxiliares de Edição: Lauani Meira
Projeto Gráfico: João Flávio de Almeida
Auxiliares de Diagramação: Lucas Madeira Dias, Helena Carolli
Edição Fotográfica: Cesar Mulati
Auxiliar de Edição Fotográfica: Vitória Conrado
IMPRESSÃO
Herograf

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto Curso de Jornalismo Av. Costábil Romano, 2.201 CEP 14.096-380 Ribeirão Preto - SP

AS PERSPECTIVAS DO MERCADO DE TRABALHO

Isolamento social transforma o dia a dia de trabalhadores e empresários e estimula home office

Ana Feoli

O home office foi difundido às pressas diante da pandemia causada pelo coronavírus. O trabalho remoto permitiu que muitas empresas evitassem o desemprego em massa e descobriam uma forma de melhorar a produtividade e o rendimento dos funcionários. Entretanto, a realidade possui a face dos trabalhadores, que estão sofrendo com as despesas extras de energia, internet e equipamentos de trabalho.

A educadora bilíngue da escola Concept de Ribeirão Preto, Julia Leonel, está dando aulas online há quase 5 meses e tem necessidade de um computador e internet de qualidade durante todo o horário comercial.

“Há uma grande dificuldade de conciliar a educação ao home office, pois existem dois pilares a serem cumpridos para oferecer uma aprendizagem de qualidade de forma remota. Ao mesmo tempo em que é necessário um planejamento de aula, é necessário ter uma internet e um computador de qualidade para que as aulas aconteçam sem nenhuma interrupção”.



Aula de ciência ministrada através da plataforma virtual

Os custos operacionais das empresas como energia, internet, manutenção de equipamentos, passaram a ser de despesas do funcionário, mesmo não havendo aumento salarial ou alguma ajuda adicional. A pedagoga conta como teve que se adaptar às pressas para continuar acompanhando o ritmo da escola: “Foi necessário comprar um notebook para que eu pudesse dar as aulas e acompanhar as reuniões diárias. Além disso, estou sempre atenta com a qualidade da minha internet. Já houve vezes

em que tive que ir para casa de familiares para conseguir uma conexão melhor.”

Por outro lado, as empresas têm aproveitado o momento do home office e adaptando as formas de trabalhos para conseguir maior produtividade e maior economia. “Além de mostrar envolvimento e produtividade, percebi que a equipe se adaptou muito positivamente. Os benefícios são inúmeros, mesmo permanecendo com o escritório aberto, as despesas diminuíram de forma significativa.” contou

Rafael Martinez, CEO da empresa Martinez Comunicação.

De acordo com o empresário, toda sua equipe se adaptou muito bem ao novo modelo de trabalho e que a maioria dos funcionários já possuíam todo equipamento necessário para trabalhar. Porém, muitas pessoas precisaram se adaptar e consequentemente gastar para conseguir permanecer no trabalho remoto.

“Os direitos dos trabalhadores que atuam em home office são garantidos pela legislação e de acordo com a lei, o

reembolso de despesas arcadas pelo empregado deve constar no contrato Além disso, tem empresas que estão concedendo um “auxílio home office” para suprir essas despesas.” explicou a economista Francielly Almeida.

Mesmo diante de tantos impasses e incertezas, o modelo vem sendo analisado para permanecer no mercado. “O modelo de home office a longo prazo exige um bom planejamento e as empresas precisam se estruturar, fazer políticas de gestão e de treinamentos para manter a motivação e produtividade dos funcionários” conta .

Na prática, Rafael conta que estudou o cenário antes de tomar a decisão final de adotar o modelo definitivamente. “Foi feita uma pesquisa na empresa e grande parte dos funcionários votaram que gostariam de permanecer com o home office efetivo. Percebi que a produtividade aumentou de forma geral”

As previsões para o cenário social a ser como antes são incertas, mas uma coisa é certa: o home office chegou para transformar o mercado. O que antes era visto como algo improvável, se revelou dinâmico e positivo. Agora, o que resta é aguardar e acompanhar as novas mudanças que surgirão devido ao vírus.

O APOIO NA RELIGIÃO DURANTE A PANDEMIA

Religiosos contam como a fé ajuda a superar as adversidades provocadas pela proliferação da Covid

Fernando Lopes

Durante os tempos de pandemia, a fé acaba sendo um fator importante para manter a sanidade de uma boa parte da população que não há nada a temer porque Deus está sempre os protegendo de todos os perigos.

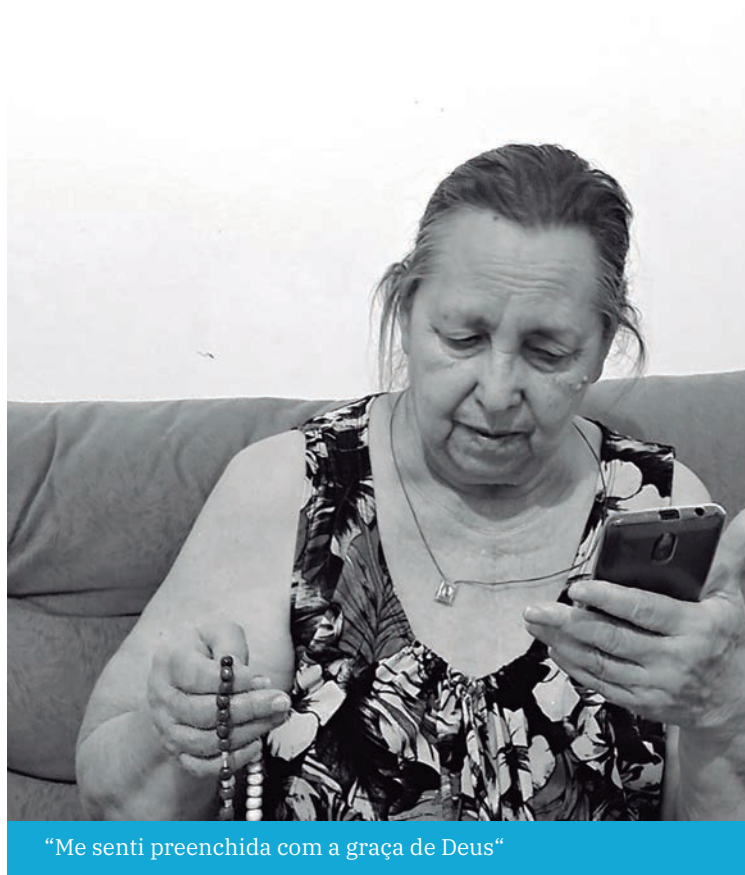
“A fé me ajuda muito nesse momento, pois com ela eu não tenho medo de ficar doente. Acredito que Deus me protege e sempre faz de tudo para proteger e curar todos aqueles que precisam de ajuda, pois Deus é onipresente, está em todo lugar. Sempre o vejo em um sorriso de uma criança, em uma árvore em uma praça, e até mesmo na porta da minha casa”, conta a aposentada Maria Aparecida Soares, que é católica.

Para muitos, a fé e a crença acabam sendo uma grande fonte de esperança nesse momento caótico. “A

fé nos permite seguir com esperança de que tudo vai ficar bem, pois existe uma força maior chamada Deus, que nos protege e vai nos levar a dias melhores, porque confiar na proteção de Deus me fortalece, e me faz crer que tudo vai passar”, afirma a auxiliar de produção Raquel Faria, que é evangélica.

Nesse momento de dificuldade, uma das coisas que está mais afetando as pessoas é o distanciamento de seus amigos e seus entes queridos. Porém a fé acaba sendo um ótimo pretexto para reuni-los...nem que seja virtualmente.

“Quando o coronavírus surgiu, e eu tive que ficar isolada, já que sou uma pessoa de idade e eu estou no grupo de risco, acabei me sentindo meio solitária, pois a minha filha que mora comigo trabalha o dia inteiro e minhas outras filha não podem mais vir me visitar. Foi quando o pessoal do grupo da Legião de Maria, do qual faço parte, teve a idéia de rezar o terço através daquele tal



“Me senti preenchida com a graça de Deus”

de ‘Classroom’. Já fazia muito tempo que não nos reuníamos e aquilo foi ótimo, me senti preenchida com a graça de Deus, e agora nos reunimos toda semana”, diz a católica.

Além dos amigos e familiares, os religiosos estão sentindo muita falta de frequentar as missas e cultos que estão proibidas desde março no estado de São Paulo. “Sinto

muita falta de visitar a igreja, de ouvir o sermão do pastor, de orar e louvar a Deus junto de meus irmãos e irmãs, mas mesmo não podendo ir a igreja, ainda reservo todos os dias um tempo para rezar e falar com Deus, pois para mim, ele é meu melhor amigo e está sempre cuidando de mim”, conta a evangélica.

A fé pode ter diferentes significados. Porém, para os religiosos adeptos do cristianismo, a fé se consiste em acreditar na Bíblia, nas palavras de Deus e em todos os ensinamentos que Jesus Cristo pregou durante seu período de vida.

“Jesus nos ensinou o amor, a esperança e o perdão, nos mostrou o caminho correto pelo qual devemos seguir, e nos deixou a bíblia onde está os ensinamentos dele e de seus discípulos”, diz a evangélica.

Por mais que os tempos sejam difíceis, a fé está colaborando para que muitas pessoas se sintam um pouco mais aliviadas e menos preocupadas com a situação atual.

LABUTA DOS MÉDICOS: NÃO QUEREMOS LEVAR PERIGO PARA NOSSA FAMÍLIA

Profissionais que atuam na linha de frente da Covid fazem de tudo para evitar contaminação de parentes

Daniel Balaniuc

Não tenho visto muito a minha família. Quando vou visitá-los, tento manter uma distância adequada; Mas quando atendo nas áreas com covid ou tenho contato com algum paciente infectado, procuro ficar pelo menos duas semanas sem velos. Isso tem sido muito frustrante nos poucos momentos de folga que nós temos, não podemos ficar com quem nos mais importa’.

O Brasil tem pago um preço alto no combate contra o coronavírus, o país tem o maior número de mortes de funcionários da saúde no mundo segundo o Conselho Federal de Enfermeiros (Cofen) e o Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN), além de estar no decimo lugar no top 10 de mais mortos de covid19 por milhão de habitantes. Todo esse cenário tem botado muita pressão em todos, e muitos não conseguem aguentar, mas e quando essa pressão incapacita os principais combatentes nessa pandemia...

Lenisa não é a única a sofrer com a pandemia Lucas Pinto, enfermeiro da Santa Casa, sofre com um dilema diferente, morando com seus avós, ele tem confiança que sairia bem mesmo se pegasse o vírus, no entanto o medo de trazer perigo para seus parentes mais próximos tem o impedido de exercer a profissão e o emprisionou em casa.

Mas as boas intenções não absolvem sua consciência “Toda a pressão social e exigência pessoal de me sentir útil, sendo um enfermeiro em uma época tão delicada, e a comparação inevitável com membros da família

lia e com o grupo de colegas, aumenta a minha ansiedade e começo a me questionar sobre várias coisas, muitas delas repetidamente e quase sempre sem resposta”

Os hospitais tomaram várias medidas para proteger aqueles que estão na linha de frente, as cirurgias não essenciais foram adiadas, ou até mesmo suspensas; Os casos considerados suspeitos são encaminhados para avaliação em uma área específica e separada dos demais pacientes; E foram criadas escalas especiais para atendê-los; Além de serem criadas reservas técnicas, para cobrir plantões caso

alguém adoça.

Essas reservas foram de bom uso quando Lenissa Mello, Obstetra para o Hospital das Clínicas, pegou o coronavírus no final de maio, segundo a medica ‘A rotina de trabalho mudou, os hospitais criaram, e vem sempre atualizando, os protocolos tanto para proteção da equipe quanto para evitar a transmissão no ambiente do hospital. Os principais são referentes à paramentação, como uso de touca e máscara durante todo o plantão, uso de aventais descartáveis, máscara N95 e faceshield para procedimentos. Além disso foi reforçado o sis-

tema de triagem na entrada dos hospitais, evitando que pessoas sintomáticas entrem na mesma área que as assintomáticas’.

Mas mesmo antes de adoecer com o vírus ela já estava adoecendo com o ambiente que o hospital se tornou ‘Estamos vivendo em constante alerta. Ao mínimo sinal de qualquer sintoma respiratório ou febre, devemos tomar medidas de investigação e isolamento dos pacientes. Estamos sofrendo com a sobrecarga e o medo. Meu desejo é que essa situação acabe o mais rápido possível para conseguirmos ir minimizando nossas dificuldades até voltarmos à vida normal”

Mas mesmo nessa situação Lenisa está confiante em seguir em frente ‘A única escolha para todos nós é aguentar... Cada pessoa tem enfrentado suas dificuldades nesse período de pandemia, a gente já pagou um preço muito alto, agora a gente tem que continuar pelos que não conseguiram’. Todos estamos fazendo sacrifícios para aguentar esses tempos difíceis, mas temos que lembrar aqueles que estão lutando para nos manter a salvo.



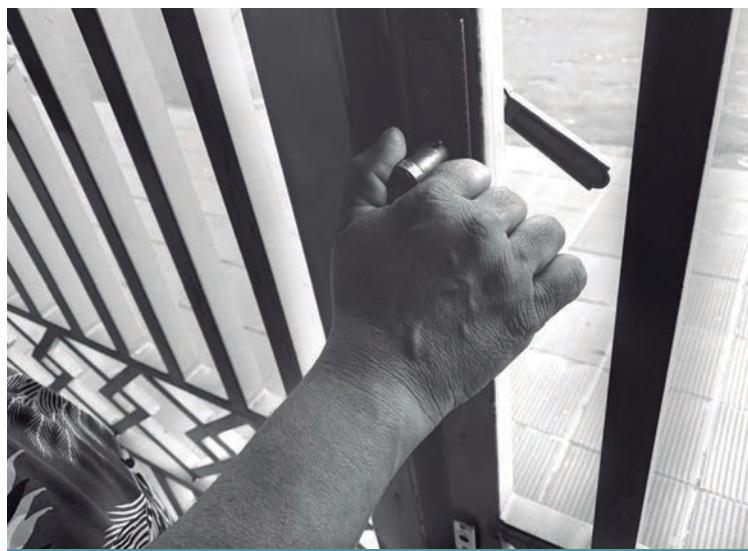
Evitar a contaminação de familiares é uma das preocupações de médicos e enfermeiros

SÍNDROME DA CABANA: HÁ QUEM VAI OPTAR PELO ISOLAMENTO MESMO APÓS A PANDEMIA

Professor do Programa de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da USP explica como pessoas isoladas durante longos períodos são afetadas pelo problema e dá dicas de como é possível precavê-lo

Igor Abreu

Conhecido como a Síndrome da Cabana, o fenômeno afeta pessoas que, por alguma razão, estiveram isoladas por longos períodos, a exemplo da quarentena imposta pela pandemia do novo coronavírus. É o que explica João Paulo Machado de Sousa, professor do Programa de Pós-Graduação de Saúde Mental da FMRP-USP (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto). “A síndrome consiste nas reações psicológicas e comportamentais que a pessoa tem depois de passar longos períodos de isolamento e precisa sair de casa. Isso se deve a relatos de sujeitos que ficavam isolados em cabanas no frio e, depois, apresentavam resistência para voltar à normalidade”, diz Machado, que também é psicólogo.



Síndrome da Cabana pode aparecer no pós-pandemia

REAÇÕES

De acordo com o professor, o paciente pode manifestar sintomas como náusea, tontura, vômito e palpitação. Apesar das reações, a Síndrome da Cabana não é reconhecida pela comunidade científica internacional como um diagnóstico psiquiátrico, ao contrário de

depressão e esquizofrenia. Para o psicólogo, o problema pode ser considerado raro por conta dos poucos períodos de quarentena global que a humanidade vivenciou.

GRUPO DE RISCO

Segundo Machado, pessoas que possuem problemas de intera-

ção, como por exemplo a fobia social, podem ser consideradas mais propensas a desenvolver a síndrome quando isoladas por muito tempo. “Para as pessoas que têm a dificuldade de interagir socialmente, como o transtorno de ansiedade social, entendemos que o isolamento já é uma constante. É claro que, quando elas passam por muito tempo isoladas, tende a ser mais difícil a tarefa de sair de casa”, afirma. O psicólogo também cita que, traços de personalidade, anteriormente despercebidos pelas pessoas com a síndrome, podem ficar mais evidentes durante a quarentena. “Todos os sintomas, inclusive a recusa de sair às ruas, já são indícios de outros transtornos ou traços problemáticos de personalidade que não foram corrigidos anteriormente”, comenta.

QUANDO PROCURAR AJUDA? De acordo com o docente, o

momento para procurar auxílio psicológico é quando tarefas comuns do cotidiano passam a ser feitas, ou não, a muito custo. Ele ainda explica que, devido à excepcionalidade do atual cenário, seria viável a comunidade científica internacional reconhecer a síndrome como um diagnóstico psiquiátrico. “O critério para procurar ajuda psicológica é sempre quando os sentimentos desagradáveis, seja a tristeza e a sensação de pressão, passam a incomodar no dia a dia. Isso pode ser notado tanto pelo paciente ou por pessoas de sua volta, que notam a alteração comportamental”, declara. “[...] Pode ser que seja importante no futuro para a comunidade científica criar um diagnóstico para o problema, se ele tiver características peculiares que os diferencie de outros transtornos”, completa.

DIANTE DA CRISE DO NOVO CORONAVÍRUS, RIBEIRÃO PRETO VAI ÀS URNAS EM 2020

A reportagem do Jornal do Ônibus conversou com cientistas políticos que analisaram o cenário eleitoral da cidade

Luís Augusto Pereira

A pandemia do novo coronavírus deve ser o assunto de maior importância na eleição municipal de Ribeirão Preto, que, neste ano, será realizada nos dias 15 e 29 de novembro, após votação do Congresso Nacional devido à atual crise sanitária.

Um dos que pensam dessa maneira é o cientista político José Elias Domingos, que acredita que as discussões da campanha serão “monotêmáticas”. Para ele “o tema central será a pandemia, todo o debate será desenvolvido a partir dela, desde a saúde, transporte, educação, administração”. Além disso, ele afirma que o ribeirãopretano terá que escolher entre muitos candidatos.

Um deles é o atual prefeito Duarte Nogueira, que foi eleito no ano de 2016 sob o debate de moralidade pública. O tema ganhou os holofotes por influência da Operação Lava-Jato no cenário Nacio-



Legenda

nal e da Sevandija num recorte municipal.

Questionado sobre se esta demanda poderia voltar ao centro das discussões, um outro cientista político, Luiz Rufino, disse acreditar que, por enquanto, não, já que há prioridades consideradas mais importantes em jogo.

“O voto tem uma característica fundamental que é bolso, estômago, coração e mente. A moralidade está muito mais ligada ao coração e mente,

são convicções. Estamos num momento em que pesa mais bolso e estômago, por conta da quantidade de empregos e comércios que fecharam. Se você não satisfaz esses dois, os outros são supérfluos”, afirma.

Atualmente, Nogueira é alvo de críticas por parte de empresários e donos de lojas por conta das restrições e a pausa no funcionamento de comércios, visando o combate a Covid-19. A classe possui

grande peso político por ser o setor que mais gera empregos da cidade. Além disso, segundo informações, a escolha das medidas de enfrentamento é o maior motivo de sua rejeição que é considerada alta.

Mas não só a mudança nas prioridades da população é objeto de concordância entre os pensadores. Eles ainda afirmam que a importância das mídias sociais ganhou peso ainda maior, porque o futuro e o contato são incertos.

O PESO DE JAIR BOLSONARO

Dois anos atrás, Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da República. Alinhado a isso, muitos políticos pegaram carona no discurso de Bolsonaro e conseguiram, também, suas cadeiras no mesmo período. Para analistas, este fato representou o despertar de um movimento conservador e de direita no Brasil.

Questionados sobre se a história poderia se repetir no município, na escolha do chefe do Executivo, os cientistas políticos acreditam que não. Para Domingos, o pleito

“não é muito pautado por este debate de cunho ideológico, é uma eleição extremamente personalista”.

Outro fator que pesa é o fato dos candidatos que estão alinhados à corrente de pensamento bolsonarista são pouco conhecidos.

Nesta mesma linha, Rufino afirma que Ribeirão Preto faz parte de uma das miríades de correntes da direita que Bolsonaro conseguiu reunir. Porém, não houve um movimento que se organizasse em favor de uma candidatura nesse modelo.

“O eleitor não vota em quem ele não conhece, mas não é um simples conhecer da televisão”. Entretanto, não é só isso é preciso, se faz necessário também que o candidato esteja historicamente alinhado ao pensamento, porque se não, fere o princípio de construção de identidade e imagem “a primeira é aquilo que eu sou, a segunda é aquilo que eu crio. Se você não trabalha ela [imagem] ao longo de anos, você não consegue colá-la a sua identidade. Para o público em geral, surge como oportunismo”, afirma.

MÃES NEGRAS TEMEM VIOLÊNCIA CONTRA FILHOS

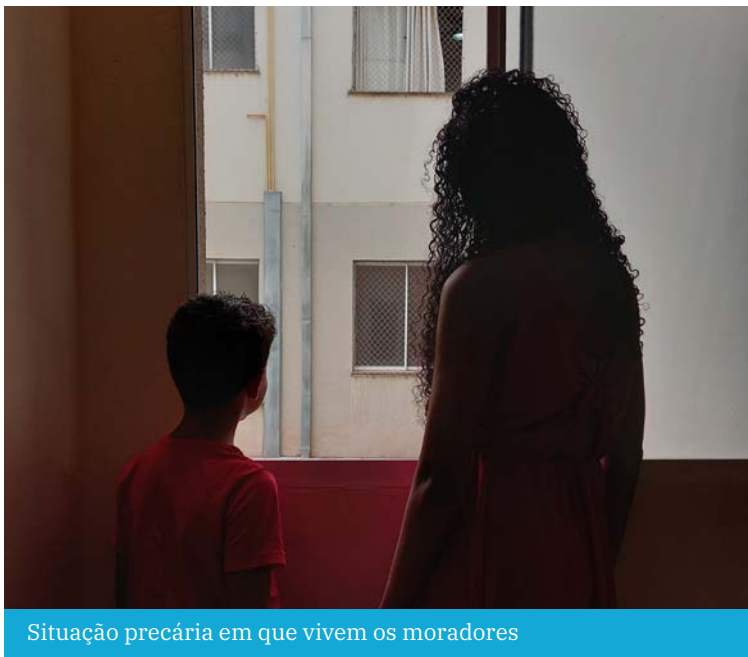
Manutenção de preconceito racial é uma preocupação constante para mulheres que têm filhos negros

Lauani Meira

“Me assusta todo esse retrocesso. Não sei lidar com esse sentimento que angustia a todo momento. Agora como mãe, parece que conseguimos enxergar coisas que antes passavam batido e a dor é mais profunda”. Essas palavras expressam a aflição de Camila Lima Rosa, que, por ter enfrentado o preconceito racial desde criança, sabe o quanto essa violência machuca.

Mãe de um menino de oito anos, a professora tem medo de ter outro filho. “Antigamente, a gente percebia o racismo pelos olhares, mas ninguém chegava e falava ‘eu não gosto de você porque você é preto’. Hoje, já tem. E aí você vai criar um filho em um lugar desse, sem apoio, sem nada, é muito difícil”.

Camila conheceu a violência racial ainda na escola. Quando pequena, preferia ficar calada, com medo de ser notada e escutar piadas sobre o cabelo crespo, por exemplo. O sofrimento trouxe traumas que só conseguiu entender depois de adulta, como o silenciamento e o bloqueio social. Aos 35 anos, tem medo que o filho



Situação precária em que vivem os moradores

percorra o mesmo caminho árduo e cheio de espinhos. “Só de pensar nele passando por isso, não sei como iria reagir. Seria a fúria do que eu já sofri e aquilo que ele está sofrendo”, afirma.

A preocupação em ter outro filho aumenta com a possibilidade de ser mãe de uma menina, por conta do preconceito racial que conheceu e viveu por ser uma mulher negra. “Depois de ter passado por tudo isso, eu fico pensando: eu vou ter uma filha, que vai ter que passar também por tudo

isso para chegar onde eu estou agora. Será que compensa?”.

Na adolescência, os pais de Camila tentavam alertar sobre o preconceito que ela poderia sofrer. Hoje, ela tem o mesmo hábito com o filho pequeno. A conversa é feita de forma lúdica, por meio de livros, filmes e peças de teatro. “Se ele ver qualquer tipo de violência racial, ele não vai aceitar, por conta da base que ele tem dentro de casa”.

PRECONCEITO VELADO - Também é por meio de livros e filmes que Flávia Chaves con-

versa sobre o racismo com a filha de sete anos. “Temo que ela sofra o preconceito racial que eu e o pai dela sofremos, mesmo que muitas vezes seja um preconceito velado”.

Apesar de já ter sofrido racismo, a assistente social acredita que, por se tratar de um homem negro, a violência contra o pai de sua filha é mais explícita. “Ele já participou de um processo seletivo para vaga de emprego, na qual todo o processo foi feito pela internet e estava tudo certo para ser contratado. Agendaram para que ele levasse a documentação para efetivação da contratação em outra cidade, mas chegando lá, ao ver que o candidato era negro, o contratante informou que a vaga havia sido extinta”, conta.

Uma das principais preocupações de Flávia é que a filha não consiga uma boa colocação no mercado de trabalho por ser negra. A assistente social conta que não concorreu a uma vaga em uma faculdade pública, mas deseja que a filha tenha essa oportunidade. “Por isso que a gente se esforça tanto em pagar uma escola para ela”, explica.

INCERTEZAS - Nos últimos meses, a violência racial tornou-se um dos grandes

assuntos no mundo, após a morte do norte-americano George Floyd, em uma ação policial. Para a assistente social, as discussões atuais acerca do racismo são apenas a “pontinha do iceberg”. “Ainda falta muita coisa”, afirma.

Camila diz que só agora está vendo o assunto ser conversado, indo para as mídias. “O racismo é algo que sempre existiu. Você aprende desde criança que é inferior, que você não pode, você não vai conseguir muito e são várias pessoas falando isso na sua cabeça. Conforme você vai conseguindo, você vai aprendendo. Mas, até você aprender, você tem que passar por muita coisa. É como falam que na escravidão levavam muita chicotada, eu acho que eu levei as chicotadas também, até hoje”.

Enquanto acompanha o crescimento do filho, a professora vê crescer também as incertezas em relação ao futuro. “Quando [a violência racial] vai passar? Quando vai melhorar? Porque eu já passei por tudo isso e só agora que está voltando a se falar. Mas até quando vão ficar apenas falando?”, questiona.

VAMOS DAR UMA GOLEADA NO PRECONCEITO

O futebol, esporte que antes que dividia, hoje abre espaço para atletas homossexuais; Daniel e Fautan são atletas amadores, enfrentam o preconceito e hoje são felizes disputando a modalidade que adoram

Vitória Conrado

O esporte mais popular do planeta ainda sofre com o preconceito dentro e fora dos campos. O futebol, que antigamente era um esporte predominante para os heterossexuais hoje ganha espaço na comunidade homossexual.

“O futebol é minha paixão, eu gosto de assistir, de jogar. É minha diversão, eu amo” conta o vendedor comercial, Daniel Ferreira de Freitas, de 40 anos, que assumiu sua homossexualidade aos 18 anos tem um carinho especial pelo esporte. Freitas acompanha e joga desde pequeno, hoje, não perde a pedada com os amigos que nunca tiveram atitudes preconceituosas, com o amigo, mas quando é convidado para jogar com outros grupos ou colegas muda seu comportamento.

Mesmo Daniel se auto rotulando discreto em relação a sua sexualidade, diz que muda seu comportamento para autopreservação, pois no passado já



Pelo menos no futebol amador, homossexualidade faz cada vez mais parte do cotidiano

foi ofendido com comentários como “não jogo com mulher” ou “não quer contato, vai jogar com mulher”, mas reforça que não vai deixar de jogar por comentários pejorativos.

Já o professor da Universidade de São Paulo (USP), Fausto Almeida, de 35 anos diz que quando era adolescente era impossível assumir sua sexualidade, por medo e preconceito. Isso mudou na metade da graduação, onde as pessoas em seu redor o aceitavam muito melhor

e isso foi espelhado para o futebol.

Almeida diz que nunca sofreu preconceito durante as partidas por ter em seu grupo heterossexuais com um pensamento muito aberto. Mesmo assim, sabe que a homofobia no mundo do futebol e de outros esportes existe. Diz também que sabe que é privilegiado por ser aceito por todos.

Hoje Fausto joga mais polo aquático do que futebol e afirma que o time que joga já foi mais homofóbico, hoje eles se acos-

tumaram e não se importam muito com a sexualidades dos companheiros de piscina.

Igual Daniel e Fausto existem vários, como a capital paulista, onde foi criado um time composto só pela comunidade LGBTQ+. Hoje o time Unicorns Brasil além do futebol tem outras modalidades como vôlei e atletismo.

Em novembro de 2017 na cidade do Rio de Janeiro (RJ) foi disputada a primeira Champions Ligay, o campeonato amador que começou com oito

equipes compostas por homens homossexuais de várias capitais do Brasil, como Florianópolis, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, e os Unicorns Brasil Fc representando a capital paulista.

Em âmbito internacional, existe a Gay Games uma olimpíada LGBT organizada pela Federation of Gay Games. Esse ano na França contou com 10.317 atletas, 36 modalidades e 14 eventos culturais, mesmo sendo uma olimpíada ela não faz contagem de medalhas e sua organização prega a igualdade e diversidade. A próxima edição será realizada em 2022 em Hong Kong comemorando 40 anos de sua existência.

Tanto Fausto como Daniel concordam que o mundo do futebol já foi mais preconceituoso, mas que hoje, pela evolução da informação e da aceitação das pessoas, o cenário é melhor. Mesmo assim, reforçam que precisam tomar cuidado, fora dos campos com seus comportamentos mais pela autopreservação e por medo. Mas, na vida deles, o futebol deu uma goleada no preconceito.

“EU SEMPRE FUI ‘A GORDINHA BOA’ QUE DANÇAVA NA FRENTE”, DIZ ATRIZ DE MUSICAIS

Simone Gutierrez prova que qualidade e capacidade artística não estão relacionados ao peso

Marcelo Carvalho

Constantemente quebrando tabus e preconceitos quanto as pessoas gordas em apresentações artísticas, Simone Gutierrez, atriz, bailarina, cantora e coreógrafa de 43 anos, que já trabalhou em grandes musicais como “Hairspray”, “Les Misérables”, “A Bela e a Fera” e “Priscila, A Rainha do Deserto” assim como em novelas da TV Globo: “Cheias de Charme”, “Joia Rara”, “Alto Astral” e “Órfãos da Terra” por exemplo, é e sempre foi como ela mesma diz: “a gordinha boa que dançava na frente”.

Após descobrir dois cistos na tireoide a artista de 1,5 metros teve seu metabolismo desacelerado e chegou a pesar 98 kilos, mas isso não a impediu de realizar todos os seus trabalhos nos musicais, produções internacionais no Walt Disney Company, na teledramaturgia e também no cinema brasileiro, com muita qualidade artística e corporal. “Eu poderia comer só folha de

alface e mesmo assim engordaria”, comenta a dançarina.

Raramente encontra-se pessoas acima do peso em apresentações de dança, ballet ou até mesmo um musical, pois além de ser fora do estereótipo estético imposto também há uma crença de que pessoas gordas necessariamente não são saudáveis e, muito menos, capazes corporalmente de acompanhar a demanda física que as artes performáticas cobram.

Simone sempre provou o contrário, formada pelo Studio de Dança Luciana Junqueira em ballet, jazz e sapateado, com especialização no Institute Open Jar Productions e Broadway Dance Center em Nova Iorque, é a prova viva de que ser acima do peso não é sinônimo de falta de capacidade e nem de saúde.

Apesar disso, o preconceito em relação as pessoas gordas vindo de muitos produtores e diretores, custaram alguns trabalhos para Simone: “Isso já aconteceu muitas vezes, e ainda davam desculpas de que eu era baixinha demais ou branca demais. (Risos). Mas era nítido que era por conta do peso.”



A atriz se maquiando para sua performance como “Tracy” no musical “Hairspray”

Durante o passar dos anos seu peso já mudou muito, foi diante dessa situação que, em 2017, ela resolveu criar um canal no YouTube chamado “Comer, Malhar e Amar”, que atualmente conta com 6,02 mil inscritos.

“A ideia do “Comer, Malhar e Amar” veio de uma parceria entre eu e minha endocrinologista, Dra. Elaine Dias, para dividir com as pessoas que se identificavam com o mesmo problema que eu, de cistos na tireoide e dificuldades para

emagrecer, o conteúdo eram as minhas dicas do meu processo de emagrecimento aliadas às informações médicas dela, de uma nutricionista e de uma personal que também cuidava de mim. Eu era uma prova social do tratamento proporcionado por elas e adaptado por mim em alguns aspectos, por conta da minha rotina. Hoje o canal ainda existe e tem toda uma equipe da Dra. Elaine que ainda tiram dúvidas e orientam quem procura o canal”, explica.

Por mais contraditório que pareça, Simone já foi acusada de ser ‘gordofóbica’: “As pessoas nas redes sociais falavam que o motivo do meu emagrecimento era porque eu não gostava de gente gorda. A internet é terra de ninguém, falam maldades sem critério e tampouco conhecimento da verdade. Eu não costumo retrucar porque sei quem eu sou e da minha verdade”, confessa a atriz.

CONSELHO PARA A VIDA

Atualmente a artista está no ar com a série “Xilindró” no Multishow e também dá aulas de Teatro Musical no Studio de Dança Luciana Junqueira. E dá um conselho a todas as pessoas que sofrem com o peso e lutam contra gordofobia diariamente: “A única maneira de enfrentar qualquer tipo de preconceito é ter plena consciência de quem você é, de seus talentos e sua capacidade de exercer o que você mais ama na vida, seja dançar, cantar, correr, pintar e etc. Nunca duvide de si mesmo e a melhor resposta é o seu profissionalismo e respeito por essas pessoas equivocadas”.

PROFESSORES ENFRENTAM DESAFIOS COM O ENSINO REMOTO EM MEIO À PANDEMIA

Com as escolas fechadas e sem previsão de retorno, profissionais relatam a rotina diária

Laís Garcia

A pandemia da Covid-19 alterou a rotina de milhões de estudantes brasileiros, que de uma hora para outra se viram obrigados a trocar as salas de aula pelas telas de computadores, celulares e televisores. Mas a reviravolta no cenário da educação provocado pelo novo coronavírus não mexeu apenas com a vida deles.

Professores de todos os níveis de ensino (infantil, fundamental, médio e superior) e das redes pública e privada tiveram de se reinventar e transformar as aulas que normalmente seriam ministradas presencialmente em conteúdos simples e dinâmicos para serem consumidos a distância.

“A maior dificuldade foi não saber mexer nas plataformas. Tive que aprender de uma hora para outra mexer em várias plataformas que nunca tinha ouvido nem falar. Foi muito desgastante para mim”, afirma Camila Aparecida Tavares Bonella. “Tivemos que reaprender nessa questão”,



83% dos professores não se sentiam preparados para o ensino remoto

diz Raquel Elaine da Silva Carvalho. “Muitas pessoas não tinham computador, eu mesma era uma delas”, completa Vera Lúcia Arena de Carvalho.

As três trabalham na região de Ribeirão Preto e fazem parte de uma estatística que mostra o tamanho do baque da pandemia no ensino brasileiro. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Península, entre abril e maio, com mais de 7 mil profissionais de educação, 83% dos professores não

se sentiam preparados para o ensino remoto e 88% deram suas primeiras aulas virtuais já depois do aparecimento da Covid-19.

Vera Lúcia, que dá aulas de ciências em uma escola particular, ainda conta com apoio da instituição para qual trabalha para navegar melhor nas plataformas disponibilizadas pelo Google para a educação. Mas, quem está no ensino público não dispõe do mesmo privilégio. A solução é se virar com as ferramentas que tem em mãos.

“Não trabalhamos com plataforma. As atividades impressas entregues aos alunos são marcadas dia e horários diferentes para as turmas. Os responsáveis vão à escola retirar e devolver assinando listas para isso, seguindo as normas e exigências de distanciamento e uso de máscaras”, explica Raquel, professora polivalente (ministra todas as matérias do currículo da série) do ensino fundamental I.

“As tarefas estão sendo entregues pela plataforma Classroom (Google) ou para quem não tem acesso a computador direto na escola.

Na escola do município, como é educação infantil, foi feito uma página no Facebook e todos os dias disponibilizamos atividades para esses alunos por lá, tendo retorno dos pais através de foto e vídeo postada na página da escola”, completa Camila, que trabalha em escolas municipais, estaduais e privadas (nessa, as dificuldades são menores).

Segundo as professoras, além das questões técnicas, uma outra dificuldade do ensino remoto é criar estratégias que permitam ao aluno não só manter a atenção e o interesse, mas, também, sua motivação, curiosidade, dinamismo, criatividade, sua participação e interatividade.

Mesmo nesse cenário de tantas dificuldades, elas ainda encontram alguns pontos positivos na experiência pela qual estão passando. Camila e Raquel destacam o crescimento da participação da família no processo de aprendizagem das crianças. “A valorização da sala de aula se tornou maior”, complementa Vera Lúcia.

A TURBULÊNCIA DE SENTIMENTOS QUE ACOMPANHAM AS PESSOAS NA QUARENTENA

Irritabilidade, tristeza e ansiedade são recorrentes neste período de distanciamento social

Hugo Degaspari Reis

Em época de distanciamento social, a presença física, antes tão acessível, torna-se difícil. Todos os eventos migraram para o âmbito virtual – ou deveriam. Isabella Meghelli, administradora de 21 anos, conta que está com mais saudade do namorado do que imaginava. “Todo mundo achou que seriam só 15 dias de quarentena, mas não foram”, relembra. “A gente não se vê desde o dia 20 de março”.

A distância é crucial para intensificar a saudade e a incerteza de superação desse momento específico aflora, ainda mais, emoções tristes. Letícia Maria Martins Bettini Bignelo, terapeuta cognitiva-comportamental, afirma que as pessoas têm ficado mais ansiosas e receosas. “Dor de estômago, insônia e ansiedade são os principais impactos”, ressalta. “Se a emoção não sai em forma de fala,

atitude ou comportamento, sai em forma de gastrite, dor de cabeça, insônia”.

Não saber lidar com a falta de algo ou alguém pode ser muito prejudicial à saúde e viver de memórias pode provocar estágios deprimidos no indivíduo. Para a psicóloga, as pessoas estão muito preocupadas em dar conta de tudo. “Estamos num cenário onde todos estão frustrados por não saber o que fazer. Isso causa ansiedade. Temos que viver um dia de cada vez”.

No começo do isolamento social, Isabella pretendia encontrar o namorado em abril. “A gente comprou ovo de Páscoa, mas essa época estava um caos, então a gente decidiu guardar para um outro momento. O tempo foi passando e a data de validade do ovo estava se aproximando. Por fim, tive que abrir e comer porque, caso contrário, iria jogar fora”, relembra.

Em contrapartida, Letícia ressalta que o melhor a ser feito é evitar programações. “Algumas coisas podem dar errado

e isso traz a frustração, a ansiedade”. Isabella conta que deixou de lado as expectativas. “Enquanto não melhorar, a gente não vai se encontrar”.

“No dia dos namorados, muita gente se encontrou, conheço gente que saiu com vários casais de amigos. Eu e meu namorado comemos pizza por vídeo chamada. Ele lá e eu aqui. Até coloquei um print nas minhas redes sociais e todo mundo romantizou ‘que legal que vocês estão fazendo isso’, quando todos deveriam estar fazendo. Não era para ser uma exceção”, completa Isabella.

IMPACTOS

Isabella Meghelli comenta que, nesse período, está descontando suas emoções nos excessos. “Eu como muito mais chocolate e bolacha recheada. Eu não tinha o hábito de comer bolacha recheada. Era muito raro, mas agora eu estou comendo bastante”, diz. “Aumentei o consumo de sal também”.



Para Isabella, a saudade se reinventou. “As prioridades mudaram e a saudade também”.

Quem segue o isolamento à risca, uma hora ou outra acaba se deparando com algum efeito negativo, como sintomas depressivos, tédio e irritabilidade. “Pensamentos e emoções estão muito ligados. Tudo o que a gente pensa, a gente sente”, afirma Letícia. Na quarentena, ansiedade e insônia andam juntas, fazendo com que o emocional subjetivo enfrente diversos altos e baixos em um curto período de tempo. “É muito triste. Tem hora que eu nem sei se o que eu sinto é saudades ou ou-

tra coisa”, conta Isabella. “Para mim, já virou uma mistura de sentimentos”.

Letícia Bignelo expõe que a melhor saída é tentar, ao máximo, não se cobrar tanto. “Tudo foi tirado da gente muito rápido. Nós tínhamos uma rotina e, de repente, você não pode mais fazer nada. Está todo mundo tentando lidar com tudo isso. É um momento novo, então nós não temos uma referência. Tudo bem dormir um pouco mais e acordar mais tarde”.

RIBEIRÃO DEPENDERÁ DE JOVENS PARA IMPEDIR RECESSÃO ECONÔMICA NO PÓS-COVID

Com a população majoritariamente adulta, município terá população ocupada reduzida por conta da pandemia e, talvez, será a mais velha de todo o estado de São Paulo

Geovanni Henrique

A maior parte da população ribeirão-pretana é formada por adultos. A curto prazo, é um ótimo benefício para a economia, mas daqui há algumas décadas, a cidade vai precisar atrair jovens de outros municípios da região para impedir uma possível recessão econômica.

Em 2019, Ribeirão Preto conseguiu respirar após arrecadar R\$ 1,5 bilhão, segundo informações publicadas pela secretaria da Fazenda, no Portal da Transparência. Um ano antes, a cidade chegou a atingir a melhor arrecadação dos últimos tempos. A receita orçamentária bateu a casa dos R\$ 324,1 milhões no mês de janeiro, de acordo com o Portal ACidade ON. No entanto, já é preciso planejamento dos gestores responsáveis para enfrentar uma futura crise.

Para o administrador e economista José Rita Moreira, a expectativa é que Ribeirão recorra aos municípios mais próximos para superar este problema.

“Acho muito provável que Ribeirão Preto passe a depender de jovens de outra cidade para ocupar o mercado de trabalho. Apesar de termos várias universidades, muita gente acaba não ficando aqui”, explica o especialista.

Ainda segundo Moreira, se algumas medidas forem tomadas como, incentivo aos jovens, aumento da taxa de natalidade e criação de infraestruturas adequadas, é possível impedir o cenário negativo.

RIBEIRÃO PRETO X BRASIL

A pirâmide demográfica, dado que informa a distribuição de diferentes grupos etários em uma população, de Ribeirão Preto e a maioria dos municípios do Brasil são parecidos. A tendência era que todas sofressem a mesma consequência, já que os adultos dominam as estatísticas.

Contudo, José Rita Moreira diz que a cidade do interior de São Paulo possui as ferramentas necessárias para manter o giro da economia.

“Ribeirão tem uma renda interessante, gerada muito mais pelo capital do que



Ribeirão Preto é uma das cidades de população mais velha do estado

pelo trabalho. Além disso, existe uma infraestrutura adequada para o pessoal da terceira idade. Já em outros municípios, existem jovens sem muita perspectiva locais e vão buscar novos desafios e novas cidades”, afirma.

MAIS VELHA DO ESTADO

Uma pesquisa feita pela Fundação Seade apontou que, em 2050, a população da Região Metropolitana de Ribeirão Preto será a mais velha do

Estado de São Paulo.

O estudo, denominado A População Regional Paulista em Perspectiva Histórica: Projeções Demográficas até 2050, mostrou que até a metade do século XXI, a região alcançará a marca de 1.752.262 habitantes, superior aos 1,5 milhão registrado no último Censo, em 2010.

Os números informam que até o término deste ano, em 2020, a região de Ribeirão

Preto vai apresentar o maior crescimento populacional em um período de 10 anos, entre todas as regiões do Estado, com aumento de 1%, caindo para um aumento populacional de 0,5% na década seguinte, até diminuir para 0,17% entre os anos de 2040 e 2050.

Quando essa data chegar, a expectativa é de que a média da população na região seja a mais alta do Estado, atingindo entre 45 e 60 anos de idade.

UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL: VÔLEI RIBEIRÃO CONFIRMA PERMANÊNCIA NA SUPERLIGA

Com o novo patrocinador, Cavalo garante a vaga na elite do vôlei masculino brasileiro por mais um ano

Victor Custódio

Na temporada 2019/2020, o Vôlei Ribeirão ficou em sexto lugar no Campeonato Paulista e estava na nona colocação quando a Superliga foi encerrada devido ao novo coronavírus. Após o término forçado da competição, os atletas do elenco ficaram sem contrato.

A equipe, que sofreu uma grande queda com relação aos patrocinadores, acabou ficando com algumas pendências a serem acertadas. Marcos Pacheco, técnico do Vôlei Ribeirão e atualmente Secretário de Esportes de Ribeirão Preto, afirmou que com a pandemia os projetos que estavam preparados, obtiveram uma certa queda, ficando apenas com o patrocínio do Grupo São Francisco Saúde.

Pacheco assumiu o cargo de Secretário de Esportes de Ribeirão Preto em maio e, desde então, estava trabalhando ao

lado de Lipe Fonteles para dar continuidade ao projeto. Na ocasião, Pacheco havia dito que seria possível conciliar as duas funções. Agora, o treinador acredita que não só o Cavalo terá uma nova realidade financeira, mas todas as equipes. “A pandemia dificultou muito o processo de andamento do time após o término da Superliga, pois todos os contratos terminaram no dia 30 de abril, e possuíamos apenas um patrocinador que era o São Francisco” afirma.

Segundo o Blog do jornalista Bruno Voloch, o time de Ribeirão chegará ao fim. A informação foi negada por Pacheco, que confirmou a presença do Cavalo na Superliga 2020/2021, após a efetuação do pagamento da taxa de inscrição do campeonato. A competição tem previsão de início para o fim de outubro e começo de novembro.

Pacheco revelou ainda estar feliz com a continuidade do projeto, agradeceu o apoio do patrocinador máster e pon-

derou que o esporte vive uma nova realidade e o time terá que adaptar. “Nós confirmamos no último momento, às vinte e um e quinze, agora é ter tranquilidade e calma para entender o mercado de jogadores para o time. E hoje dentro da nossa realidade, com apenas um patrocinador, tentar agregar outros parceiros para termos um investimento maior para atender a nossa expectativa, quanto a da torcida” ressalta.

Idealizado pelo campeão olímpico e, até então jogador, Lipe, o Vôlei Ribeirão foi oficialmente apresentado no dia 12 de maio de 2017, no Palácio Rio Branco, em Ribeirão Preto. A equipe anunciou o Grupo São Francisco como patrocinador em junho e começou a se preparar no mês seguinte, com foco no Campeonato Paulista e na Taça Prata. A estreia da equipe no Campeonato Paulista, ocorreu em agosto de 2017, em São Paulo.

Visando a classificação para a segunda divisão da Su-

perliga, o Vôlei Ribeirão precisou de quatro partidas para conquistar, o seu primeiro título oficial, a Taça Prata, vencendo o Itapetinga na final. Na fase classificatória da Superliga B de 2018, a equipe obteve cinco vitórias, contra o UPIS Brasília, o Botafogo, o Blumenau e o Uberlândia, e duas derrotas, para o Santo André e o Montecristo. Essa campanha garantiu a primeira colocação da primeira fase, classificando para a fase

de play-off. Nessa fase superou o Uberlândia por 2-0 na série melhor de 3, nas quartas de final, e o Botafogo pelo mesmo placar, na fase semifinal. A disputa da final foi contra o já conhecido Itapetinga, obtendo a vitória por 3x1 numa partida histórica, diante de sua torcida e conquistando o título da Superliga B.

Na temporada 2018-19 o clube ficou na 10ª colocação, garantindo a permanência na série A.



Vôlei Ribeirão vai disputar a próxima Superliga

FREELANCE: UMA ALTERNATIVA PARA SE MANTER NA ATIVA NO CENÁRIO DE PANDEMIA

Opção econômica para quem perdeu emprego teve aumento de registros em 32% até junho de 2020

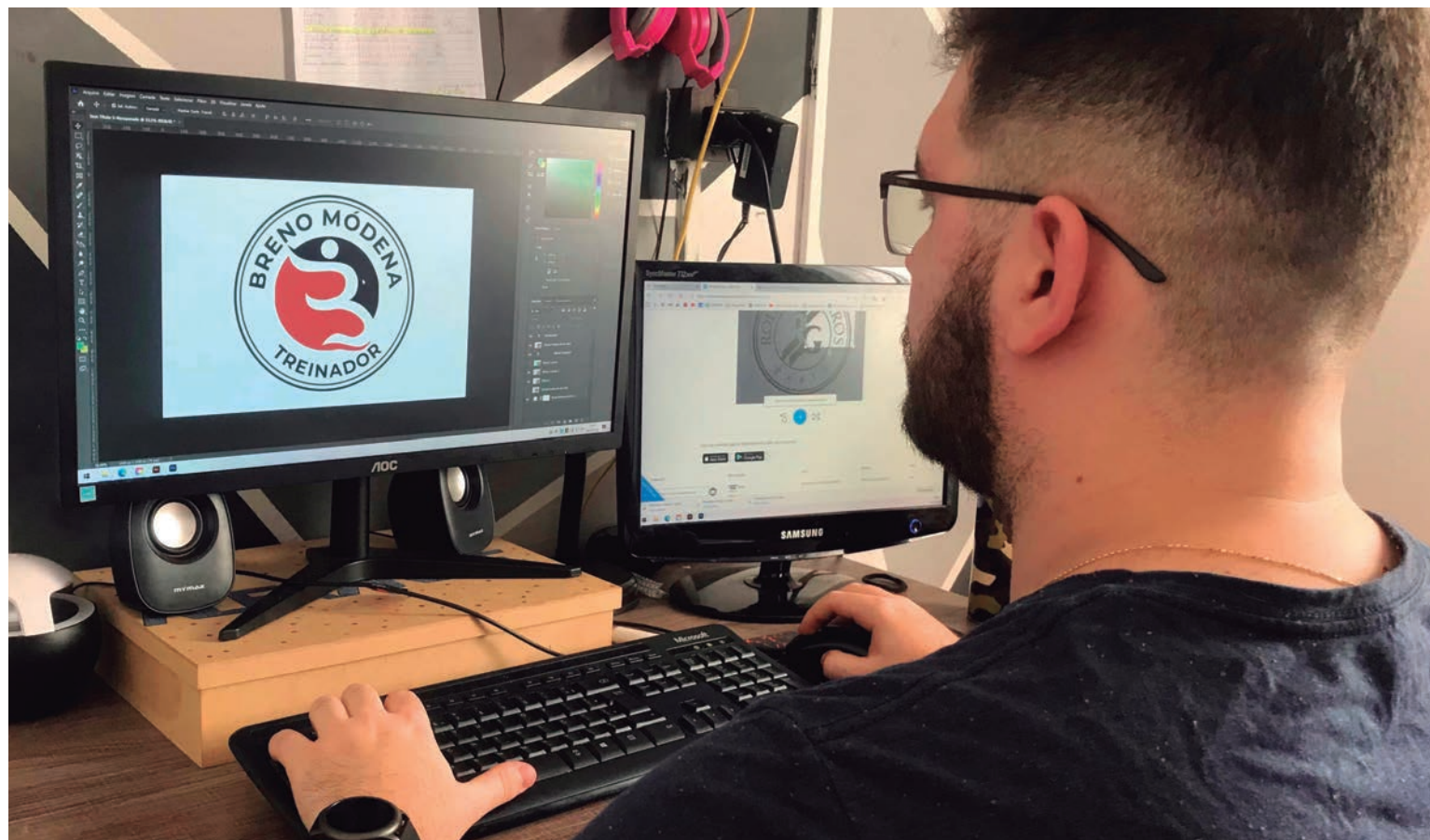
Helena Carolli

Ao ter seu contrato suspenso em meio à pandemia, Fábio Santiago, que antes trabalhava como torneiro mecânico, viu uma saída em um curso de barbeiro que havia feito em 2018. “Ao terminar o curso, eu comprei os materiais necessários para exercer a profissão, mas não tinha tempo trabalhando na indústria, e adiei isso”, diz. Agora trabalhando como barbeiro delivery, indo até a casa dos clientes para atendê-los, ele conta que os clientes chegaram e só aumentaram. Ao ser questionado sobre os cuidados necessários, Fábio diz que cumpre todos, “uso luvas, máscaras, passo álcool nos aparelhos antes e depois de cada cliente”.

Essa alternativa que o novo barbeiro encontrou é popularmente conhecida como “bico”, também chamado de freelance. Pessoas desempregadas ou que buscavam um extra sempre optaram por esse meio para garantir a renda. Porém, em tempos de pandemia, segundo um levantamento feito pela Workana, uma plataforma que conecta freelancers com as empresas da América Latina, foi constatada até junho uma alta de 32% de registros no Brasil. A área de TI e programação foi a que mais cresceu (100,49%), seguida de finanças e administração (83,83%).

O aumento dos registros possivelmente se deve ao número de desemprego do país, que até a quarta semana de junho deste ano de 2020, era mais de 12,4 milhões de pessoas. Segundo a economista Ludmila Ferreira, os impactos na economia são notáveis devido à baixa da renda dos trabalhadores, o que os faz consumir menos e afeta diretamente na produção das mercadorias. Com isso, cresceu-se o trabalho informal, no qual o freelance se enquadra.

De acordo com a economista, “o freelancer chama a atenção da empresa pela facilidade de contratação, a qual não exige os benefícios que o trabalhador fixo possui e as taxas tributárias de contrato são bem menores se comparadas à pessoa de carteira assinada”. Além disso, esse trabalhador não precisa cumprir com os horários fixos impostos pelas empresas – horário de entrada e saída -, ele faz seu próprio horário, trabalhando para várias



Profissionais estão se adaptando ao mundo econômico da pandemia; frilas são uma opção

empresas. Mesmo com todas essas facilidades, o freelance não representa uma ameaça ao trabalhador fixo, pois “a empresa necessita de trabalhadores fixos e necessita também cumprir com os direitos destes”, disse Ludmila.

Alexandre Eduardo, estudante de Gestão da Tecnologia da Informação, se viu, depois da sua demissão, sem uma renda fixa mensal. Assim, decidiu investir todo o seu tempo no freelance. Ele, que possui curso técnico de informática, trabalhava em uma instituição como estagiário desta área. Como freelancer, o estudante continua oferecendo serviços de informática, mas incluiu a área de design gráfico (com criação de artes em geral), que

é um ramo que ele sempre se interessou e viu como uma saída, juntando o design com a paixão por informática.

“As pessoas que já trabalhavam com isso podem sair na frente de quem está começando agora, mas atendendo bem os clientes e prestando um serviço bem feito, os novos conseguem espaço”, disse o estudante. Beatriz Oliveira, formada em jornalismo e freelancer de social media, já trabalhava assim antes da pandemia, e diz que não viu a concorrência crescer nos últimos meses. A jornalista concorda com Alexandre, defendendo que os profissionais que já estavam na área antes da pandemia, já tinham uma estabilidade e alguns clientes fixos, diferente dos que che-

garam agora, que tiveram que começar do zero e conseguir espaço no meio dos antigos.

Beatriz conta que os trabalhos não diminuíram, pelo contrário, aumentaram muito pois, segundo ela, as pessoas passaram a se preocupar mais com a imagem passada na rede social. “Psicólogos, nutricionistas, dentistas e até professores divulgando aulas particulares começaram a buscar mais clientes pelas redes sociais”. Para ela, o freelance teve que se reinventar, “fazer mais que o arroz e feijão”, pois as marcas, as empresas, os profissionais buscam mais visibilidade nas redes e o freelancer tem que acompanhar, aumentar sua criatividade e saber inovar com o cliente, pois até pessoas que

não utilizavam muito as redes sociais, como as gerações mais velhas, passaram a usar e a comprar mais coisas.

Com diferentes áreas de atuação, cada profissional viu na pandemia uma dificuldade, mas todos conseguiram manter uma renda que possa sustentar a família no mês. Alexandre e Fábio disseram que pretendem levar o freelance, ou o “bico”, como uma atividade extra no cenário pós-pandemia, buscando trabalhos fixos em instituições para trabalharem em suas respectivas áreas. Já Beatriz, que trabalhava exclusivamente com isso antes da pandemia, espera continuar com os antigos e os novos clientes.



Empregos formais andam em baixa; em compensação, há outras opções profissionais surgindo

ENSINO ONLINE APROXIMA PAIS DE FILHOS

Mais de 1 milhão de alunos enfrentam as dificuldades da nova modalidade de ensino por conta da Covid

Lucas Madeira Dias

Desde o mês de março, por conta da pandemia da Covid-19, pais e filhos passam mais tempo juntos, em casa. No Brasil, com o início da quarentena, mais de 1,1 milhão de alunos dos ensinos fundamental e médio tiveram suas aulas paralisadas. Todas as instituições de ensino suspenderam as aulas presenciais. Então, aos poucos, as escolas deram continuidade ao ano letivo através da internet, para que assim os alunos pudessem acompanhar de casa às aulas. Enquanto isso, alguns pais, que estão trabalhando em casa ou mesmo presencialmente, encontram dificuldades nas adaptações do novo meio de ensino.

Na família Souza, Arthur, de 11 anos, ingressou em 2020 no sexto ano, o primeiro em que cada disciplina é ministrada por um professor diferente. Isso, por si só, já foi um grande choque para o garoto, que além de encarar, para ele, o novo método de ensino, também está lidando com toda a situação da pandemia.

Camila e Caroline Souza, irmãs de Arthur, são as responsáveis pelos aprendizados do pequeno. Camila é bacharelada em Fisioterapia e Caroline é professora. Ambas estudam e trabalham em uma cidade diferente da dos pais. Porém, como a universitária está de férias, foi para a casa da família auxiliar com a demanda de tecnologia necessária para os estudos do irmão.

Caroline foi quem no primeiro momento tomou as rédeas da situação. Como a mãe e o pai trabalham presencialmente e não entendem muito do mundo digital, a irmã mais velha foi quem deu início aos procedimentos para que Arthur pudesse estudar de casa.

“No começo (da pandemia), é escola pública, então não estava tendo atividades ali. Aí depois, como eu estava em casa, eu que fiz e-mail, plataforma, corri atrás de tudo pra que ele pudesse assistir às aulas.”

Já Camila, que atualmente acompanha o garoto nas atividades, diz que não existe muita organização no ensino público. “Cada matéria tem um grupo no Whats, o professor manda um textão e as atividades lá, dizendo quando quer que seja entregue e só.” Além disso, diz que nunca viu uma correção sendo feita no material do irmão.

Além das dificuldades tecnológicas que as irmãs dão



Ensino à distância virou regra em 2020 por conta da pandemia e aproximou pais dos filhos

conta enquanto os pais trabalham fora de casa, há também o desinteresse e as dificuldades de aprendizado enfrentadas pelo garoto. O começo de um novo ciclo no ensino, o sexto ano, juntamente com uma outra modalidade, nunca antes experimentada, que é o ensino à distância, faz com que Arthur tenha ainda mais complicações para acompanhar às aulas.

“É muito difícil fazer com que ele se concentre. Ele não está levando a sério o ensino

online. Se estressa, não tem muito interesse, tá tendo dificuldade. E tem também o horário, é sempre uma luta pra ele acordar, como é em casa ele não quer levantar para assistir aula.”

Entretanto, Camila diz que como as aulas ficam gravadas, muitas vezes ela coloca novamente para ele assistir à tarde, assim repassa o conteúdo com mais firmeza. “Se tiver que escolher, prefiro me irritar à tarde do que de manhã.”

A preocupação de Camila se estende também à longo prazo. Logo ela também deverá voltar para suas atividades acadêmicas, e, caso isso aconteça de forma presencial, enquanto o irmão segue com aulas online, as dificuldades para que o mais novo acompanhe às aulas serão ainda maiores, uma vez que não terá alguém para cobrar mais firmemente sobre o aprendizado.

Contudo, se existem crianças como Arthur, que

não estão se dando bem com o ensino à distância, há também alunos como Taís. A garota de 15 anos, está no primeiro ano do ensino médio e tem se adaptado bem ao ensino on-line.

A mãe, Roberta de Arruda Campos, diz que a filha não tem dado trabalho para acompanhar às aulas. “Ela mesmo acorda, levanta, pega o computador e se prepara para aula. Às vezes, ela fica deitada na cama assistindo, mas logo senta à mesa. Só na sexta feira ela fica com mais preguiça, mas mesmo assim acompanha às aulas.”

Como Roberta já trabalhava em casa antes da pandemia, não houve grandes alterações na rotina da família. Ela diz que sempre ficavam muito tempo juntas, agora, como a filha fica ainda mais tempo em casa, elas têm aproveitado ainda mais a companhia uma da outra.

No Brasil ainda não há previsão para o retorno das aulas presenciais dos ensinos fundamental e médio. Cada estado ou região tem se adaptado conforme sua realidade. Para o estado de São Paulo o mais provável é que o retorno aconteça entre setembro e outubro. Até lá, cada família vai ajustando sua realidade e buscando a própria maneira de lidar com os desafios do ensino on-line.



Com a pandemia, pais têm acompanhado melhor a vida escolar dos filhos

A SECA NO DESERTO DOS SOLTEIROS IMPOSTA POR UMA TEMPESTADE CHAMADA COVID

Aplicativos de relacionamento se reinventam e aderem a chamadas em vídeo para diminuir isolamento de solteiros; mas usuários ainda mantém a ideia de o toque é a melhor opção

Guilherme Pinto

A pandemia do coronavírus trouxe limitações na vida do homem e nas relações com o ambiente e com os outros. Neste contexto, medidas como o isolamento social tiveram que ser tomadas e os encontros interpessoais, interrompidos. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, em 2017 mostra, que 54% da população brasileira se declarava solteira. Agora, imagine como este grupo está se comportando com o isolamento, tendo que lidar com carência, solidão e a famosa “seca”.

Alguns aplicativos de relacionamento, como o Tinder se reinventaram e colocaram uma função que permite videochamadas dentro do próprio app, deixando a conversa mais humana. Porém para alguns isto não é suficiente, como para Bianca Prieto Eloi, estudante de odontologia de 20 anos. Ela diz que é muito importante conversar com a pessoa, saber se seus gostos são parecidos, mas é essencial um encontro para ver se rola a “quí-



Apps de relacionamento agora têm chamadas de vídeo

mica”. Mas é impossível já que todos os lugares estão fechados e um encontro em casa pode ser arriscado.

A psicóloga Bruna Salgado Pacheco, especializada em análise do comportamento e que trabalha na área de psicologia clínica, acompanhando de perto as vivências e experiências das pessoas, percebeu até mesmo entre pacientes da clínica em que trabalha que aumentaram as relações virtuais e o uso de aplicativos de relacionamento. Neste sentido, as pessoas precisam neces-

sariamente conversar mais, tendo papos mais profundos. Mas Bianca já está entediada e irritada com isso, “Às vezes, a carência bate, só conversar pelo Whatsapp não basta, está difícil manter contato com alguém, ter assunto sempre. Para mim, ter um encontro com contato físico é super necessário”, comenta.

Neste momento, há uma grande privação emocional, e quando o ser humano é privado de algo, a sua necessidade daquilo aumenta. “No contexto atual, essa privação de se re-

lacionar com o outro aumenta a carência que pode fazer com que a pessoa se sujeite a qualquer tipo de relação, as quais às vezes não são boas”, explica Bruna. Ela reforça a importância de retomar a vínculos perdidos, pessoas que tinham contato e param de se falar sendo mais fácil de se relacionar e conversar, pois, já existe uma certa intimidade prévia.

Um estudo da Universidade de Harvard iniciado em 1938 e acompanhado durante oito décadas monitorando 700 jovens durante toda sua vida, checando seu estado físico, emocional e mental, trouxe diversas conclusões e uma delas foi que a qualidade dos relacionamentos mantém o homem mais saudável e feliz. O que se opõe às experiências de solidão, a qual se vive atualmente.

As redes sociais, por outro lado, podem trazer certo sofrimento. Neste período, é muito mais comum o uso a todo momento do Instagram, fotos de casais perfeitos se exibindo juntos podem fazer com que solteiros que estão isolados se comparem e se sintam mal por quererem ter aquilo e não poderem. Bianca comenta que antes da pandemia já era muito

difícil ser solteira e agora está pior. “Eu não tenho nem esperança de encontrar alguém.”

Mundo monitora vida sexual

Para contornar a situação e tentar impedir a proliferação do vírus, diversos países tomaram algumas medidas de restrições e sugestões para sua população solteira no sentido de encontros e relações sexuais.

No mês de março, o Ministério da Saúde e Proteção Social da Colômbia criou um documento sobre este tema. Nele não era recomendado as práticas do sexo anal, já que há possibilidade de contato com as fezes de uma pessoa infectada pelo coronavírus, o que consequentemente o transmitiria. Além reduzir o número de parceiros sexuais, e praticando sexo “convencional” com o uso de camisinha.

Em Nova York, a cartilha elaborada pelo departamento de saúde da prefeitura, recomendava que a população investisse na masturbação. Uma frase chama atenção na cartilha, que é: “Você é o seu parceiro sexual mais seguro. Masturbação não irá espalhar o covid-19, principalmente se você lavar suas mãos.”

EXERCÍCIOS FÍSICOS DURANTE A PANDEMIA

Segundo especialista, uso de máscaras tem de ser obrigatório e não prejudica rentabilidade dos treinos

Gabriella Ariel

Academias estão fechadas, mas os exercícios físicos não podem parar, até porque, a depressão e ansiedade aumentaram até oitenta por cento durante a quarentena, segundo um estudo realizado pela UERJ! Mas aí, surge aquela dúvida: usar ou não a máscara para realizar os exercícios?

Isabella Guimarães começou a se exercitar pouco antes da pandemia começar, começou sua dieta e seus exercícios em meados de fevereiro, quando terminou seu relacionamento de dois anos. “Ao longo do meu relacionamento, tentei várias vezes entrar em uma dieta séria. Mas, meu ex namorado gostava muito de cozinhar e sempre estávamos pedindo comida. Na hora, eu pensava que era aquilo que eu queria e que só se vivia uma vez, mas no outro dia era arrependimento na certa”, conta.

Quando Isabella terminou o relacionamento, percebeu que era hora de mudar. Já não se reconhecia mais, as roupas que mais gostava já não a serviam, então, ela começou a se alimentar bem e ir para academia. Mas, o imprevisível aconteceu. O COVID-19 chegou e as academias se fecharam. “No começo, dei uma desanimada, mas os quilos que eu perdi com a academia foram voltando, então, decidi que era hora de me movimentar de novo”, comenta.

E assim, Isabella voltou aos exercícios com foco total. O uso de máscara se fazia extremamente necessário quando ia na academia e encontrava alguém por lá, mas geralmente, a academia de seu prédio estava vazia. Isabella também comenta, que não sabe se o uso de máscara é prejudicial ou não, mas mesmo assim, prefere usar. “Mas é horrível, parece que você cansa mais rápido, da falta de ar e durante o treino é difícil não colocar a mão no rosto ou na máscara,

já que o suor é mais intenso e a máscara escorrega toda hora, então, me higienizo quase o tempo todo”, conta.

Vitória Fadel, estudante de psicologia e produtora de conteúdos digitais, também é adepta aos exercícios físicos, porém, já se exercita há muito mais tempo, como Vitória tem ansiedade, ela vê nas atividades físicas uma maneira essencial de se aliviar. “Depois de uns dois meses em confinamento, perdi um pouco o foco, o rumo, fui desanimando bastante e a ansiedade foi voltando. Foi aí que decidi voltar a fazer as coisas em casa, pra manter uma rotina e me manter saudável”, explica.

Vitória conta também, que faz todos seus exercícios sem máscara por realizá-los dentro de casa, mas, que, quando está muito irritada, ela desce na quadra de seu prédio.

Nessa quadra, são impostas regras que não pode mais de uma família por vez. E, na quadra, ela realiza seus exercícios com máscara por respeito

ao próximo. E depois, faz toda higienização necessária.

A pneumologista Lídia Torres, afirma que deve-se usar máscara sempre que ficar em contato com outras pessoas, seja ao ar livre ou dentro de um ambiente fechado. Ela explica que quando a pessoa realiza uma expiração forçada, com maior dispersão de material exalado que pode conter o vírus. “Um indivíduo com respiração rápida e intensa, pode aerossolizar muito mais vírus do que se estiver respirando normalmente. Então, nada de máscara no queixo ou pescoço!”, explica.

A médica explica que não existe a menor possibilidade do ar ficar preso e haver retenção de gás carbônico numa máscara de tecido. “Isso só aconteceria se a pessoa estivesse respirando dentro de um saco plástico, totalmente vedado. Os tecidos não conseguem reter nenhum tipo de gás”, explica.

O alerta sobre as doenças respiratórias nesse período do ano, vem juntamente com os

conselhos da doutora Lídia, ao explicar que, durante o inverno as doenças respiratórias realmente aumentam. E uma das razões é porque isso coincide com a maior frequência de vírus respiratórios: Durante o inverno, existe maior poluição ambiental causada pela seca.

“Durante esse período existe grande quantidade de material particulado (sujeira) em suspensão no ar. Esse material, quando inalado, atingirá os alvéolos e brônquios, levando a sérios prejuízos ao aparelho respiratório”, explica.

A sujeira, quando inalada, atingirá os alvéolos e brônquios, levando a sérios prejuízos ao aparelho respiratório. Dessa forma, já que correr parece ser uma das preferências das pessoas o recomendado é não correr em períodos muitos secos, geralmente das onze da manhã às dezesseis horas. E claro, se hidratar e usar soro fisiológico nas narinas com frequência nesse período é indispensável.

QUARENTENA ALIMENTA AINDA MAIS TODOS OS TIPOS DE COMPULSÃO POR COMIDA

Comer até é uma solução temporária para aliviar a ansiedade e o stress provocados pelo cenário de isolamento social; mas está longe de ser uma opção saudável e pode trazer mais problemas a longo prazo

Marina Bonella

Em meio a uma era digital, em que há mudanças e inovações a todo momento, em sua maior parte para melhor, não se imagina o quanto tais transformações contribuíram para um grande problema: o fortalecimento de padrões estéticos na sociedade. E poucos têm consciência de como isto pode afetar a vida de um indivíduo. O nome disso é transtorno ou compulsão alimentar. Como o próprio termo já diz, trata-se de uma ingestão exagerada de alimentos ou a perda de controle sobre o que está ingerindo e a quantidade. Porém, o que muitos não sabem é que a origem deste distúrbio envolve vários fatores.

Segundo Dr. Luiz Gustavo Solano, médico nutrólogo, as causas que levam ao descontrole podem envolver transtornos de ordem psíquica, como a depressão, ansiedade e altos níveis de estresse. E diante de um cenário de pandemia, em que é preciso manter o distanciamento, os níveis dessas emo-



Quem resiste a uma lata de leite condensado, ainda mais durante a pandemia?

ções aumentaram. Com isso, aqueles que já sofriam com o problema pioraram, enquanto outros que não apresentavam estão desenvolvendo.

Os sinais de uma compulsão aparecem em casos em que a pessoa come escondido e de forma rápida, muitas vezes sem

nem estar com fome, podendo comer até passar mal, e quando sua relação com a alimentação está ligada ao prazer, uma vez que o primeiro sentimento é desejar determinado alimento, porém, após a ingestão vem o arrependimento e a frustração. “Algumas pessoas têm consci-

ência do descontrole, enquanto outras nem se lembram ou não sabem identificar os episódios de compulsão”, afirma o especialista.

A jovem Virgínia Castro, estudante, de 18 anos, é uma das vítimas deste distúrbio e relata sobre sua experiência. “Sempre comi muito. Às vezes comia até me sentir empanzinada, principalmente quando ia comer fora. Depois ia tentar colocar tudo para fora”. Com o passar do tempo, ela percebeu que este problema estava afetando sua saúde, quando começou a ter dores no estômago e nos joelhos. Chegou um momento em que ela percebeu que precisava da ajuda de um profissional. “Procurei uma nutricionista e uma psicóloga e comecei a fazer o tratamento. Depois de um tempo, já não tinha mais aquela ansiedade e nem a compulsão com frequência”.

De acordo com Dr. Solano, é fundamental procurar a ajuda de um profissional quando a pessoa notar que sua relação com a comida é perigosa, principalmente quando estiver afetando a saúde, o que pode acontecer, com o aumento de peso, alterações da glicemia, aumento da pressão, desordens do sono, que podem levar a consequências graves no futuro.

Para Virgínia a situação se agravou com o isolamento. “Agora na quarentena as coisas complicaram. No começo até foi fácil manter um equilíbrio, mas depois de um tempo a ansiedade e a compulsão voltaram, e perdi o total controle”, diz a jovem.

Pedro Marcolino, estudante, de 20 anos, passou por uma situação parecida. Desde pequeno ele sofre com transtornos de ansiedade e faz acompanhamento médico, porém nunca teve problemas com a comida. Mas diante do confinamento, acabou desenvolvendo o distúrbio. “Minha ansiedade aumentava cada dia mais, e comecei a comer exageradamente sem controle, o que nunca tinha acontecido antes”. E mesmo, com a ajuda de um profissional, ele afirma estar sendo difícil manter um equilíbrio.

Em casa as pessoas geralmente têm acesso a comida de forma mais fácil, e isso pode contribuir para a compulsão. “O isolamento gera medo, dúvida e pânico o que acaba trazendo repercussões negativas sobre o aspecto psicológico e contribuindo para uma maior ingestão de comida”, afirma o médico.

Normalmente o tratamento para este distúrbio envolve em regular a relação do paciente com a alimentação, ajustando a qualidade e quantidade daquilo que se come, priorizando alimentos com alto poder de saciedade e adequando os horários de ingestão. Porém, diante das condições de isolamento, o especialista recomenda inicialmente realizar uma autoanálise. “Sente em algum lugar da sua casa, pegue um papel e escreva. Tente pontuar caso venha notando situações nutricionais que estejam fora do habitual.”



Assaltar a geladeira é um hábito nada saudável para quem tem compulsão alimentar

“AS PESSOAS VÃO SE REFERIR A MIM SEMPRE COMO ‘A BAILARINA PRETA’”

Para dançarina Amanda Lima, o racismo é algo presente em toda a estrutura cultural do ballet

Marcelo Carvalho

“As pessoas vão se referir a mim sempre como ‘a bailarina preta’”.

Quando está no palco, ela atrai os olhos de todos, não apenas pela alta qualidade do seu trabalho na dança, mas também por ter uma cor de pele diferente da que majoritariamente se vê nas companhias de ballet. A dançarina, coreógrafa, modelo e educadora física Amanda Lima, de 24 anos, é, como ela mesma diz: a “bailarina preta”.

Ela teve sua primeira aula de ballet aos 3 anos e sempre foi uma das poucas bailarinas, agora professoras também, pretas das escolas e estúdios de dança nos quais participava. Tanto é que depois de muito tempo na área, sempre utilizando sapatilha e meia-calça rosa, após pesquisas e leituras sobre o assunto ela percebeu que a questão do figurino ser sempre na cor rosa não era obrigatória do ballet, mas sim capricho para os brancos na dança.

A bailarina chegou a pintar suas sapatilhas de ponta no mesmo tom de sua pele devido a ausência de sapatilhas em tons diversificados nas lojas. “Chegou o momento em que eu fui dançar uma coreografia neoclássica e a coreógrafa falou que iríamos dançar sem meia-calça, portanto cada um iria pintar sua sapatilha na cor da sua própria pele. Quando pinte a primeira vez percebi que me sentia mais confortável e as minhas linhas para a dança ficavam mais bonitas, então passei a usar sempre elas pintadas. Na época, não tinham sapatilhas de ponta que já viessem com o meu tom”. Hoje em dia, já é possível encontrar sapatilhas em tons negros à venda, porém não com a mesma facilidade que as claras.

A presença artística que ela emana quando dança é tanta que chamou a atenção da coreógrafa brasileira, Mônica Proença, durante um workshop em 2018. A convite da diretora, a dançarina ganhou uma bolsa de estudos na renomada escola de ballet Bloch,

em Vancouver no Canadá.

Mesmo não tendo passado por nenhuma situação de agressão verbal ou física direta, Amanda vê o racismo na dança de uma forma mais profunda: “As escolas de dança na maior parte não têm professores negros, alunos negros e histórias que caibam personagens de outra etnia que não seja branca. Além da questão do uniforme, meia-calça e sapatilha rosa, que são coisas feitas para o tom de pele claro. Para mim, o racismo dentro da dança, no ballet clássico principalmente, sempre esteve presente mais nessa forma estrutural e cultural do que de forma agressiva e direta”, acrescenta a bailarina.

Além da crítica direcionada puramente a cor da pele, a dançarina explica como o racismo também recorre a outros aspectos, para prejudicar dançarinos negros: “Tem um mito na dança que diz que os negros possuem bastante força, mas não têm outras características genéticas favoráveis principalmente para



Amanda Lima teve de enfrentar o preconceito

o ballet clássico, como flexibilidade, um certo tipo de joelho, colo de pé e sutileza, por exemplo. O que é racismo e acontece em também em esportes como a natação, onde as pessoas falam que não tem negros pois negros

possuem ossos mais densos e isso atrapalha no rendimento, mas ninguém pensa que na verdade é porque a natação exige condições e gastos para praticar, sendo culturalmente algo que sempre foi da elite.”

A HISTÓRIA DO JORNAL DO ÔNIBUS, POR SUA MÃE

Desenvolvido pelos alunos da quinta etapa, o Jornal do Ônibus é o impresso mais antigo do curso de Jornalismo da Unaerp; a primeira edição da publicação circulou há mais de 30 anos, em agosto de 1987

Lauani Meira

Desenvolvido pelos alunos da 5ª etapa, o Jornal do Ônibus (JO) é o impresso mais antigo do curso de Jornalismo da Unaerp. A publicação nasceu com o objetivo de dar voz às necessidades e vivências da população usuária do transporte coletivo.

Foi criada por um grupo de docentes do, até então, curso de Comunicação Social. A única que ainda permanece na instituição de ensino é a professora Elivanete Barbi, que também trabalha na assessoria de imprensa da universidade, mas já não está mais à frente do projeto.

No depoimento abaixo, ela conta como foi o processo de elaboração do jornal e as ino-

vações que o impresso trouxe e ainda traz para o ensino de jornalismo.

“A importância do projeto foi possibilitar um jornal que tivesse um público real. A principal vantagem foi aproximar o aluno do cotidiano da cidade, já que ele teve que ir à rua entrevistar o prefeito, o usuário de ônibus, o motorista, entrar em contato com assuntos que faziam parte do universo do público e fazer reportagens sobre temas que eram reais.

Queríamos criar um jornal laboratório impresso que, além de ser um espaço de aprendizagem, prestasse um serviço à comunidade, comprometesse mais o aluno com o público e tivesse uma real função jornalística. Além disso, trabalhar com uma população menos favorecida, de poder aquisitivo mais baixo, que não tinha acesso à imprensa escrita.

Nós formamos um grupo de professores e começamos a discutir ideias sobre esse projeto laboratorial. A nosso pedido, a professora Sônia Maria Camargo dos Santos, na época, coordenadora do Curso, convidou o professor da ECA [USP], José Coelho Sobrinho,

que tinha experiência em jornal laboratório, para fazer um workshop conosco.

Nessa comissão de estudos foi que surgiu a ideia de criarmos um jornal para o usuário do transporte coletivo de Ribeirão, que tinha muitos problemas e passava por processos de transformação.

Com esse impresso, tínhamos um compromisso com a população. O país vivia um momento de efervescência política e havia uma grande necessidade de informação, então o foco era a prestação de serviço. Havia também muitas denúncias de problemas da cidade feitas pelo próprio público, pois foi dada muita voz a esse leitor para contar suas histórias de vida.

O jornal era distribuído pelos próprios alunos entre cinco e seis e meia da tarde nos principais pontos de ônibus do centro. Ele chegava até o trabalhador, que estava pegando o ônibus para casa. A recepção do público era ótima e essa aproximação rendeu ótimas pautas, que geralmente a imprensa não cobria.

Houve um período em que o produzíamos semanalmente, trabalhando com assun-

tos mais factuais. A produção era muito rápida e a principal inovação foi criar um ambiente de redação: tínhamos uma sala com máquinas de escrever, mesas grandes para diagramar e havia gente o tempo inteiro fazendo o jornal. Não era só no horário de aula e às vezes a gente saía da universidade uma ou duas horas da manhã.

O impresso foi produzido no formato tabloide praticamente a vida toda, com o propósito de facilitar a leitura no ônibus. Depois, mudou para o formato germânico, como é hoje. Atualmente, possui uma pauta mais ampla e trabalha com os mais variados assuntos. As matérias não são mais exclusivamente de Ribeirão e têm agora uma angulação analítica.

OJO sempre teve um papel muito importante na formação profissional, já que é a hora que o estudante vai à rua e exerce a profissão, de fato. Nosso objetivo foi estimular no aluno esse compromisso enquanto a função social do jornalismo, que é o de informar o cidadão da melhor maneira possível, para que ele tenha a capacidade de formar uma opinião pública crítica e consciente.”



Elivanete Barbi participou da criação do JO

IMIGRANTES UTILIZAM A CULINÁRIA PARA PRESERVAR CULTURA DOS ANTEPASSADOS

Patrimônio cultural, cozinha é uma forma de perpetuar tradições em famílias que vieram do exterior

Hugo Degaspari Reis

Cada país possui sua própria cultura. A culinária é, de fato, um dos principais pilares no estudo, conhecimento e difusão dos costumes de uma determinada região. Sumie Kanemaru, de 80 anos, filha de imigrantes japoneses, conta que até os 15 anos só comia comida japonesa e mal falava português. Refugiados da Segunda Guerra, os pais de Sumie amaram o Brasil. “Meus pais moravam em uma fazenda, era uma colônia japonesa”, relembra. “Meu pai ensinou japonês para os oito filhos que ele teve, dizia que a gente aprenderia a língua brasileira na escola”.

Os costumes culinários podem ser facilitadores no processo de habituação no novo ambiente, promovendo uma sensação de pertencimento, mesmo que o contexto seja extremamente diferente. Kanemaru ressalta que a comida típica prevalecia em sua casa devido ao fato de morarem em uma colônia japonesa. “A gente comia com hashi. Meu pai fazia com bambu”, cita. “Claro que alguma coisa, como o arroz e o feijão, minha mãe foi aprendendo,

mas a base da comida em casa era japonesa”.

Antes de casar, Sumie morou com a sogra por dois anos e foi com ela que conheceu e aprendeu a cozinhar diferentes pratos. “Hoje eu sou, modéstia à parte, exímia cozinheira”, menciona. Atualmente, seu marido, de ascendência italiana, quase não come comida japonesa. “Sashimi, que é peixe cru, ele come muito pouco. Mas frango xadrez, yakisoba, essas coisas, ele aprecia.”

A alimentação desempenha um papel fundamental na história humana e a cultura, por sua vez, é responsável pela formação do paladar e dos costumes de determinado grupo. Simone Lahan, de 53 anos, filha de imigrante libanês, conta que aprendeu a cozinhar com seu pai e que a tradição prevalece até hoje. “Às vezes de domingo meu pai gosta que faz comida típica pra ele. Ele não gosta muito das comidas brasileiras, ele gosta mais da comida da terra dele”.

Simone conta que sempre gostou de fazer comida e que aprendeu muita coisa com seu pai. Hoje, Lahan tem três filhas e, segundo ela, a tradição foi passada para frente. “Minhas filhas



A macarronada é um prato típico da Itália

cozinham, tenho uma filha que já casou e ela gosta de fazer”. Ainda, comenta que o charuto de folha de uva e o quibe cru são os seus pratos preferidos, mas que as filhas não herdaram esse mesmo gosto. “Aqui em casa, se eu fizer folha de uva, minhas meninas não gostam muito não”, completa.

A avó de Simone nunca se acostumou com a comida brasileira, portanto os filhos sempre cozinham para ela. “Meu pai fazia coalhada, ela adorava coalhada mole com arroz, ou com pepino. Era o que ela mais gostava de comer”, relembra. “Minha mãe fazia comida normal que a gente come [arroz e feijão], mas ela não queria, não gostava”.

A maneira como cada indivíduo se adapta ao novo ambiente é singular e a culinária desempenha um papel fundamental na inserção e pertencimento da nova sociedade. “Meu pai me deu uma faca especial para tirar sashimi. Eu sei tirar porque meu pai me ensinou. Gosto muito de cozinhar”, conclui Sumie Kanemaru.

RUIM PARA TODO MUNDO? CLARO QUE NÃO, HÁ EMPRESAS LUCRANDO COM A PANDEMIA

Covid fez quase todo mundo perder dinheiro e mergulhou o país em uma nova crise econômica; por outro lado, provocou aumento de procura por delivery e também um investimento em marketing digital

Luís Augusto Pereira

A pandemia causada pelo novo coronavírus não trouxe somente o medo da doença (Covid-19), mas também incertezas econômicas. Segundo o FMI, a economia global terá a pior recessão (3%) desde a crise de 1929. No Brasil, conforme estimativa do Boletim Focus, que é divulgado pelo Banco Central, baseado em projeções do mercado, a retração do Produto Interno Bruto (PIB) do país pode chegar a pouco mais de 6,5%. Em janeiro, a expectativa era de um crescimento de 2,3% no ano.

No mês de maio, o número de desempregados aumentou quase 11%. Quem apresentou o mesmo percentual, mas em queda, foi o principal segmento do PIB brasileiro, o setor de

serviços, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Alinhado a esta conjuntura, empresas estão experimentando de medidas emergenciais ao fechamento. Porém, em meio a toda regra, há as exceções. É o caso de Reginaldo Luiz Delgado, dono de uma microempresa no município de Pitangueiras.

“Pensei que ia diminuir”, afirma Delgado ao ser questionado sobre as projeções de vendas em seu comércio, durante este período de pandemia. Ele possui uma loja de alimentos naturais há quatro anos. A ideia para iniciar o negócio foi de sua esposa, que é nutricionista e, assistiu, durante esta época de pessimismo, a busca por seus produtos crescer.

Para o comerciante, que também adotou o sistema delivery, isso aconteceu pelo fato

da cidade sede de seu negócio ser uma “cidade dormitório e, agora, as pessoas estão ficando mais em casa”.

É o que confirma o especialista em microeconomia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP), da Universidade de São Paulo (USP), Bruno César Aurichio Ledo. O economista afirma que houve um deslocamento para o consumo de comida nas residências.

“A quantidade que as pessoas comem continua igual, o valor total não mudou, as pessoas estão comendo dentro de casa. Ninguém está sentando num restaurante, houve um deslocamento da demanda por alimentos dentro das residências. Neste caso aumenta a procura por coisas de supermercado e empresas de delivery. No agregado, as pessoas

estão consumindo a mesma coisa”, afirma.

Além do crescimento nas compras, as publicações, com os produtos da empresa na internet, também tiveram um aumento no engajamento e interações.

Em Ribeirão Preto, o marketing digital foi considerado uma peça chave para os 4% dos comerciantes que perceberam um aumento nas vendas no mês de abril, em relação ao ano anterior, período em que teve início o distanciamento social. É o que mostra uma pesquisa realizada pela Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (Acirp) com seus filiados, nos dias 14 e 15 de maio.

A ribeirãopretana Garden Digital, existente há pouco mais de seis anos, trabalha com publicidade online e confirma que houve aumento na

procura por sua mão de obra. Nas palavras do diretor da empresa, Salmo Gardino, houve um crescimento na demanda e buscas de orçamentos por seus serviços.

“Aumentou bastante devido às pessoas ficarem de quarentena. Isso causou uma mudança de hábito, não só delas, mas também das empresas em oferecer seus serviços online. Todo dia nós temos vários pedidos de orçamento para desenvolvimento de websites, inclusive, serviços de pagamentos digitais. Com essa pandemia, o cenário do mercado mudou muito”, diz.

Classificada como de pequeno porte (EPP), o empreendimento, devido este crescimento na demanda, está passando por mudança de local e tem até planos para novas contratações.

JORNALISMO DE EXCELÊNCIA, UMA TRADIÇÃO UNAERP

PADRÃO MUNDIAL DE ENSINO COM A ESTRUTURA DE UMA UNIVERSIDADE.



RÁDIO UNAERP
Programa de rádio ao vivo



LABORATÓRIO DE EDITORAÇÃO GRÁFICA
Jornalismo impresso e online



LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA
Fotojornalismo



LABORATÓRIO DE TELEVISÃO E TV UNAERP
Canal 10 da NET



LABORATÓRIO DE ÁUDIO
Radiojornalismo



SALAS DE ORIENTAÇÕES
Orientação de TCC e Estágio Supervisionado

ACESSE O PORTAL

jornalismounaerp.com.br
para conhecer os projetos e as produções
dos alunos nas diversas áreas de atuação.

DAS ESCOLINHAS DE FUTEBOL PARA O MUNDO: A PRESSÃO QUE CONSTROI OS JOGADORES

Enquanto a maioria das crianças e adolescentes experimenta todas as “primeiras vezes”, jovens atletas candidatos ao profissionalismo abdicam da vida normal e para ter uma carreira nos gramados no futuro

Tainá Lourenço

No país do futebol, crescer e se tornar um jogador profissional é o sonho de quase todo garoto. Para ver o desejo se tornar realidade, os meninos começam uma rotina de dedicação logo cedo, às vezes ainda durante a infância. Na adolescência, aprendem a lidar com a responsabilidade de se ter uma rotina rigorosa, que rouba o tempo dos pequenos prazeres da vida comum.

Durante a preparação, “não dá para ir” é a resposta que muitos precisam se acostumar a dizer. Não foi diferente com o jogador Pedro Marlon do Prado Rodrigues, meio campo do Athlitikos Omilos Kerkyra, da segunda divisão da Grécia. Foi isso que o jogador respondeu aos amigos durante boa parte de sua adolescência. Ele lembra que, enquanto a maioria dos colegas experimentava as primeiras vezes, precisou abrir mão dos momentos de diversão para trabalhar duro e conseguir chegar onde está hoje.

Pedro Marlon ingressou nas escolinhas de futebol logo cedo, aos quatro anos. Aos sete, já disputava campeonatos oficiais. Com 13, estreou na base do Palmeiras, time em que ficou por quatro anos. Assim que completou 18 anos, mudou-se com a família para a Espanha, onde defendeu a camisa do Getafe. E agora, aos 20, está tendo sua primeira experiência como profissional.

O jogador conta que conciliar a adolescência com a responsabilidade que a rotina traz é uma tarefa difícil e decisiva para a maioria dos jovens que entram na disputa pelo contrato profissional. “Você é um pré-adolescente e já tem tantas regras, horários, pouco tempo para a vida pessoal. Depois da aula, todo mundo vai comer junto no McDonald’s, mas você não pode, tem que correr para o treino. No final de semana, vai ter festa não sei onde, tem jogo no outro dia, não dá para ir. Você acostuma a conviver com essa pressão, mas muitos param por não ter facilidade em lidar”.

LUGAR AO SOL

Assim como o jogador do Athlitikos, são muitos os jovens que lutam por uma chance de ingressar num time profissional. Porém, as oportunidades não



Pedro Marlon atua no futebol da Grécia

alcançam a todos. Estima-se que apenas 3,5% dos atletas federados conseguem fazer parte da elite do futebol brasileiro.

O pitangueirense Victor André da Silva, sonha ser exceção. Aos 14 anos, ingressou como goleiro no time sub-15 do Internacional, no Rio Grande do Sul. Ele também precisou adotar a resposta “não vai dar”, pois há um ano mora longe dos pais e do conforto de casa. Diz que a responsabilidade é grande, mas que tem valido a pena, “é o meu sonho e eu vou fazer de tudo para se realizar”.

Durante a estadia longe de casa, Victor André tem sentido na pele a pressão de conciliar a rotina de treinos com os estudos. Após se machucar duas vezes e ficar cinco meses no departamento médico do time, também teve que aprender a enfrentar sozinho as dificuldades que o sonho pode trazer. “Me senti muito triste e até pensei em sair do Inter, mas pedi para Deus me confortar. Com o tempo fui deixando a tristeza de lado e consegui me recuperar. Eu só contava para meus pais o que passava pela minha cabeça”.

O jovem atleta entrou para o universo do futebol aos 12 anos. Ele treinava no Projeto Camisa 10, de Sertãozinho, até ter a oportunidade de fazer as avaliações no Inter. Ele também diz que o sonho de estar em campo começou ao assistir os jogos com o pai e que hoje deseja conseguir ajudar a família e chegar a um time profissional. “Para mim o mais difícil tem sido a saudade de casa”, conta.

Para o Pedro Marlon, o processo para chegar ao contrato profissional é longo e difícil, pois os adolescentes precisam atingir a maturação mais cedo do que o comum e aprender a lidar com o fardo da responsabilidade. “É complicado, principalmente na adolescência em que você precisa sempre trocar a sua juventude por trabalhar pelo sonho”.

PREPARO ALÉM DO FÍSICO

Além da rotina rígida, durante a caminhada, os atletas também precisam trabalhar o aspecto psicológico. Pedro Marlon conta que a disputa não acontece só em campo, ela começa dentro da base. “Era do elenco,



Victor André da Silva joga no time sub-15 do Internacional

para ser titular, toda hora chegava garotos novos pra fazer teste e você tinha que provar que merecia estar ali”. Segundo o atleta do Kerkyra, mesmo no contrato profissional, a competição ainda não acabou.

“Até chegar a um patamar onde você tem um reconhecimento profissional e financeiro em boas condições a luta continua. Agora, eu não brigo mais com caras da minha idade, eu luto por espaços com os de 17 e de 35 anos. São duas fases bem difíceis, porque na base você precisa provar todo dia que merece aquele lugar e tem os estudos junto. No início da vida profissional, você já se preocupa com as questões de ajudar a família e ter condições de sustentar a sua própria família”.

É por isso que para o psicólogo do esporte Rodrigo Lourenço Salomão a carreira de atleta deve iniciar atrelada a uma fonte de apoio para os anseios e medos. “Talvez essa deva ser a maior campanha dos psicólogos do esporte, para que haja um acompanhamento profissional, com o intuito de orientar e contribuir para as decisões importantes que esses

jovens, em início de carreira, devem tomar”, afirma.

Além da orientação, Salomão explica que a participação dos psicólogos é importante, pois as experiências vivenciadas pelos atletas trazem marcas que podem os acompanhar por toda a vida. “Um jovem atleta precisa, desde muito cedo, aprender a decidir. Isso é inerente ao contexto esportivo que eles vivenciam diariamente. A carga que colocam e o que está por trás dessas decisões trará as marcas na história de cada um”.

E para todos os jovens que, assim como o Victor André, sonham com a oportunidade de se destacar em campo e conquistar vaga de titular, o meio campo Pedro Marlon conta que as dicas são as mesmas, “sempre trabalhe duro, tenha fé em si mesmo, não se compare com os outros e encare as dificuldades da melhor maneira possível, trace objetivos e trabalhe pra chegar neles. Acho que o trabalho, o foco e a confiança são os pilares”.